



Era uma vez na América

Músicas para filmes

ORQUESTRA SINFÓNICA PORTUGUESA

«ERA UMA VEZ NA AMÉRICA» (1984) FOTO POR MOVISTORE COLLECTION VIA ALAMY

LISBOA 15 NOV 18H30
TEATRO CAMÕES

opart
ORGANISMO
DE PRODUÇÃO
ARTÍSTICA, EPE

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

Séao Carlos em andamento

SET-DEZ 2025

Teatro Camões
15 de novembro de 2025, às 18h30

Era uma vez na América

Músicas para filmes

BERNARD HERRMANN (1911-1975)

Vertigo: Suíte

ENNIO MORRICONE (arr. Ted Parson) (1928-2020)

Era uma vez na América: Suíte

NINO ROTA (1911-1979)

Oito e meio: Suíte do filme (1962)

JOHN BARRY (1933-2011)

África minha: Tema

LEONARD BERNSTEIN (arr. Jack Mason) (1918-1990)

West Side Story: Seleção para orquestra

JOHN WILLIAMS (n. 1932)

Guerra das estrelas: Suíte

Direção musical José Eduardo Gomes

Orquestra Sinfónica Portuguesa
(*Maestro titular* Antonio Pirolli)

Duração aproximada
80 minutos

Travessias

A propósito de cada eixo programático, reservamos espaço para uma Travessia que se inicia na música e desagua noutras áreas do conhecimento. Nesta conversa prévia ao espetáculo, lançamos pistas para uma melhor compreensão do concerto e convidamos à reflexão sobre o nosso tempo.

A propósito de Músicas para filmes

A relação entre o cinema e a música remonta ao advento das imagens em movimento, mas foi com o surgimento do cinema sonoro que o diálogo entre ambos se reforçou e conheceu novas formas. Música para ilustrar a ação ou música narrativa, música para filmes ou filmes estruturados em função de música... são várias as formas como as duas artes se relacionam e é longa a lista de duplas de cineastas e compositores que marcaram a história da arte nos últimos cem anos.

Investigadora e musicóloga Júlia Durand

Pianista, compositor (em cinema e teatro) e orquestrador Filipe Raposo
Moderação Andrea Lupi

Duração

60 minutos (17h-18h)

Músicas para filmes

Vertigo (1958) resulta de uma das parcerias realizador-compositor mais celebradas: Alfred Hitchcock e Bernard Herrmann. Contrariamente a outros compositores para cinema, a longas melodias Herrmann prefere motivos mais curtos que se vão metamorfoseando. A suíte tem três secções: *Prelude*, *The Nightmare* e *Scène d'Amour*. O tema inicial gira num movimento ascendente e descendente, induzindo a sensação vertiginosa tão central ao filme e ao seu enredo sobre obsessão. A passagem do «pesadelo» não será difícil de identificar pela agitação que se apodera da orquestra, com um toque de *habanera* (toque esse cujo sentido será decerto adivinhado por quem vir o filme). O motivo da obsessão romântica, com apenas quatro notas descendentes, imiscui-se ao longo do filme. Revela semelhanças marcantes com o prelúdio de *Tristan und Isolde* de Wagner: numa acumulação de tensão, conduz-nos até uma falsa sensação de resolução.

Ennio Morricone e Sergio Leone formam outro duo consagrado do cinema. *Era uma vez na América* (1984) apresenta alguns dos mundos tímbricos icónicos de Morricone, com harmónicas, assobios e vocalizos femininos. Destacam-se especialmente as longas melodias líricas nas cordas, que conferem uma distância tocante a cenas brutalmente violentas. A música atua de diferentes formas ao longo do filme: ora localiza temporalmente a ação (que tem algumas acrobacias temporais), ora confere matizes emocionais que não estão presentes nas imagens. A música de Morricone «casa-se» com especial eficácia com as imagens de Leone.

É, contudo, de referir que o tema de «Deborah», um dos mais conhecidos, foi composto inicialmente para outro filme, tendo sido rejeitado. Se o trabalho de pares como Leone/Morricone é visto como algo de meticulosamente planeado, é também fruto de acasos e encontros felizes entre músicas e imagens.

Oito e meio (1963) é um dos filmes mais emblemáticos de outra colaboração-chave do cinema, Federico Fellini e Nino Rota. Partindo da premissa (talvez autobiográfica) de um realizador atormentado por um bloqueio criativo, é um filme de fronteiras esbatidas entre sonhos, memórias e uma realidade atribulada. Perante os delírios da personagem principal, a música de Rota mantém-se otimista (ainda que tingida de alguma nostalgia), num estilo carnavalesco e enganadadamente ligeiro. O tema principal é retomado por uma panóplia de géneros (*swing*, valsas, marchas circenses e até uma paródia valquiriana). Apesar deste ecletismo, Rota confere uma preciosa continuidade à narrativa fragmentada do filme. Ele teve por vezes de defender o seu estilo, que recorria de forma tão inventiva ao *pastiche* e a empréstimos musicais. Tinha um argumento implacável: «Cada ideia e inspiração têm raízes precisas. Nada vem do nada.»

África minha (1985), de Sydney Pollack, é notável pela cinematografia sumptuosa da savana, enfatizada pela orquestração luxuriante de John Barry. O compositor foi inicialmente contra as intenções de Pollack, que pretendia usar apenas música de inspiração africana. Barry, porém, argumentou que a história, apesar de passada em África, não seria «sobre África», mas sim sobre o romance entre as personagens. As paisagens africanas são, então, aqui vistas (e musicadas) com um olhar europeu. A música de Barry foi descrita como «música de grandes espaços», à semelhança da que compôs para o western *Dança com Lobos*. Aliás, este tema

não estaria deslocado nas planícies norte-americanas. Por mais que algo seja composto à medida de um filme específico, a sensação que pode suscitar de adequação perfeita com as imagens vem não apenas da música, mas também (e sobretudo) da junção da música com as imagens.

West Side Story (1957) tem diferentes existências – musicais, filmes, arranjos para concerto – numa narrativa ao estilo de Romeu e Julieta com longas barbas, transposta aqui para a Nova Iorque dos anos 50. O seu sucesso marca um momento-chave no teatro musical americano: se os musicais anteriores de Leonard Bernstein eram obras bem conseguidas mas bem comportadas, dentro das convenções do género, *West Side Story* desafiou vários limites, com uma fusão de jazz, música latina, orquestração sinfónica e formas clássicas. Muitas das melodias memoráveis do musical estão enraizadas num tritono (um intervalo ligeiramente maior do que uma quarta, ouvido nas primeiras notas da canção «Maria»). Este intervalo, metamorfoseado ao longo da obra, sublinha a tensão entre os gangues rivais e o amor frustrado de Tony e Maria. O caráter da música não deixa de nos lembrar que foi, em parte, escrita para ser dançada, o que levanta uma questão: quando uma música é escrita para imagens (ainda que, inicialmente, não imagens filmadas), o que ouvimos quando as imagens se ausentam?

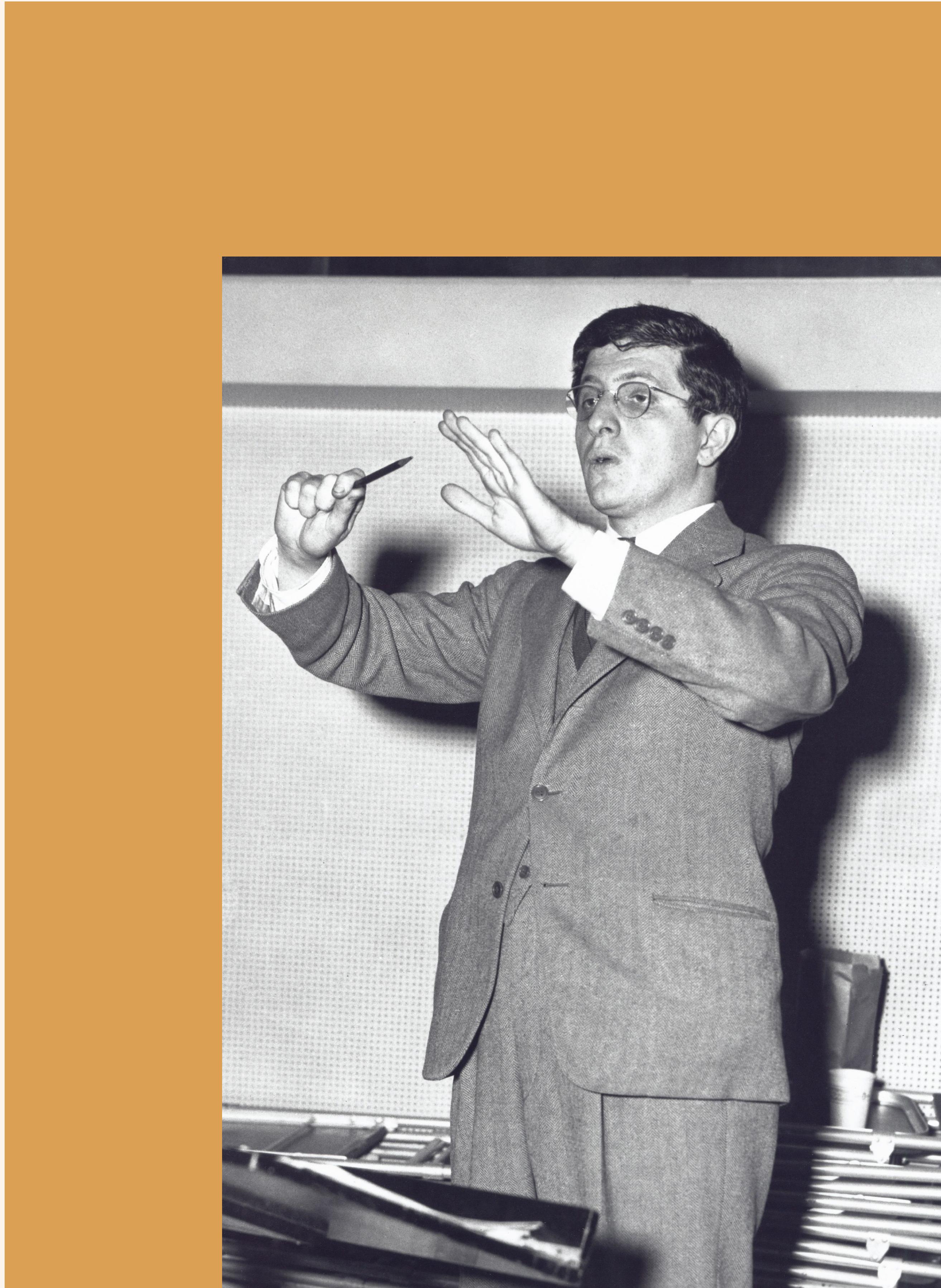
Guerra das estrelas (1977) contém alguns dos temas mais bem-amados do cinema. A fama de John Williams ilustra a transformação do estatuto do compositor para filmes – de «artesão» anónimo a «artista» aclamado. A sua escrita sinfónica e neorromântica explora um vasto leque de sonoridades orquestrais e constrói-se em torno de *leitmotifs*: temas musicais atribuídos a personagens, locais ou ideias. Essa técnica, associada principalmente a Wagner, aponta para outras influências da música erudita ocidental que per-

meiam o filme: Holst, Elgar, Tchaikovski. Estas influências chegam a Williams por via dos compositores de Hollywood dos anos 1930-40, como Steiner e Korngold (para quem Williams trabalhou no início da sua carreira). Foi o realizador George Lucas quem pediu essa abordagem musical, esquivando-se aos sons dissonantes e eletrónicos mais habituais na ficção científica. Faz sentido: *Guerra das estrelas*, mais do que ficção científica, é uma «space opera», mais próxima, em espírito, dos filmes clássicos de aventuras de Hollywood.

Júlia Durand
Musicóloga

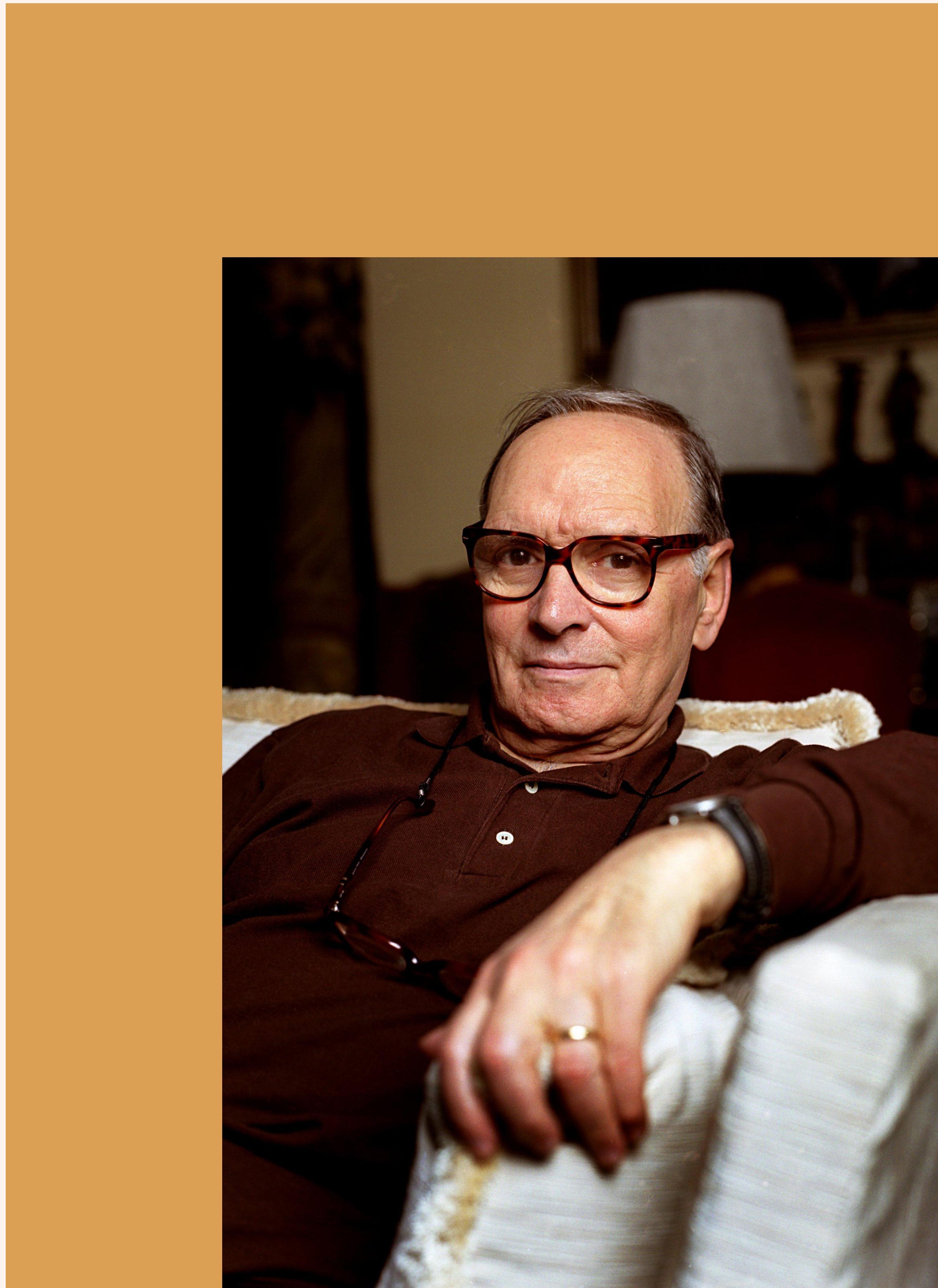
Bernard Herrmann

(1911-1975)



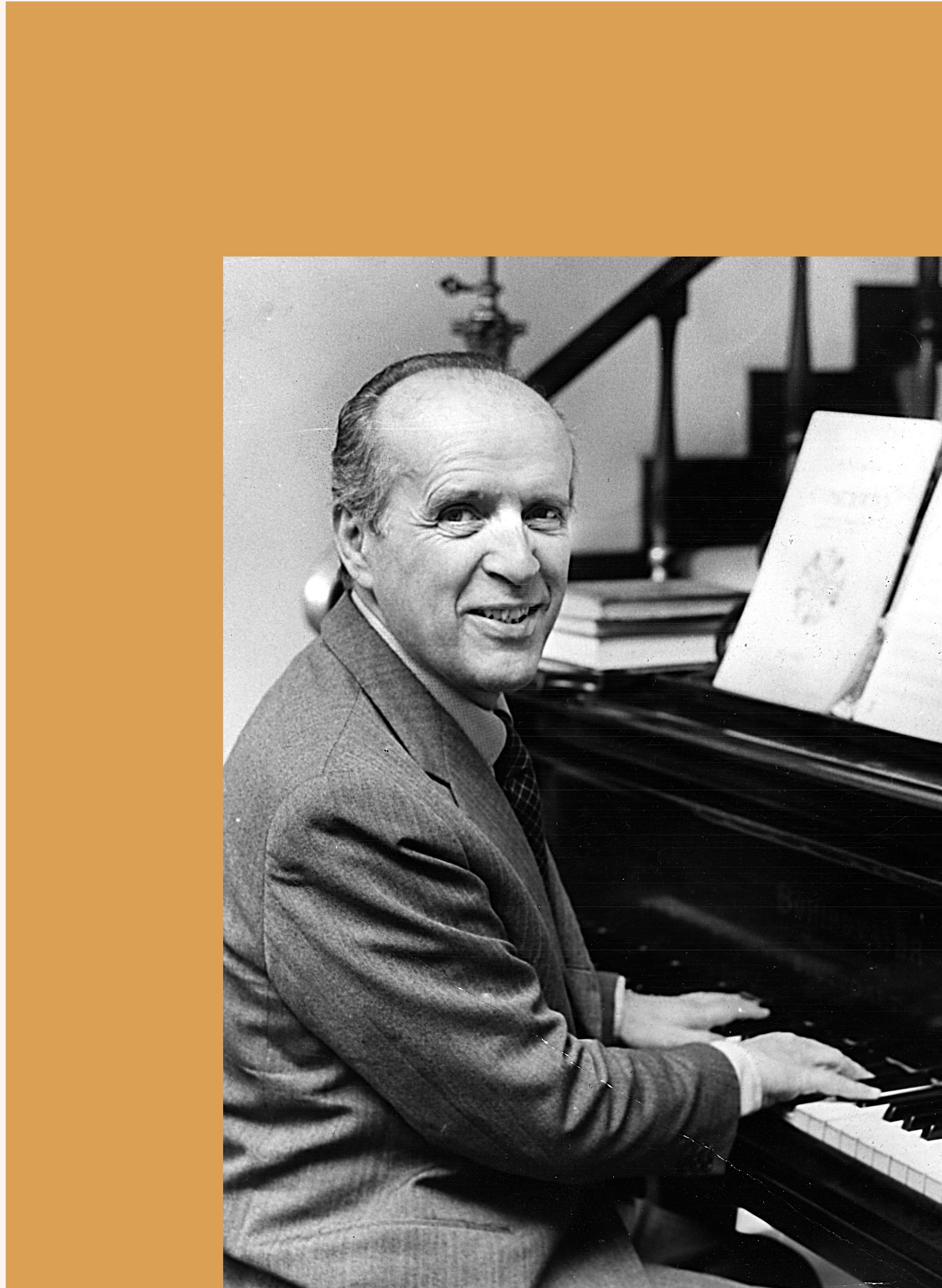
Ennio Morricone

(1928-2020)



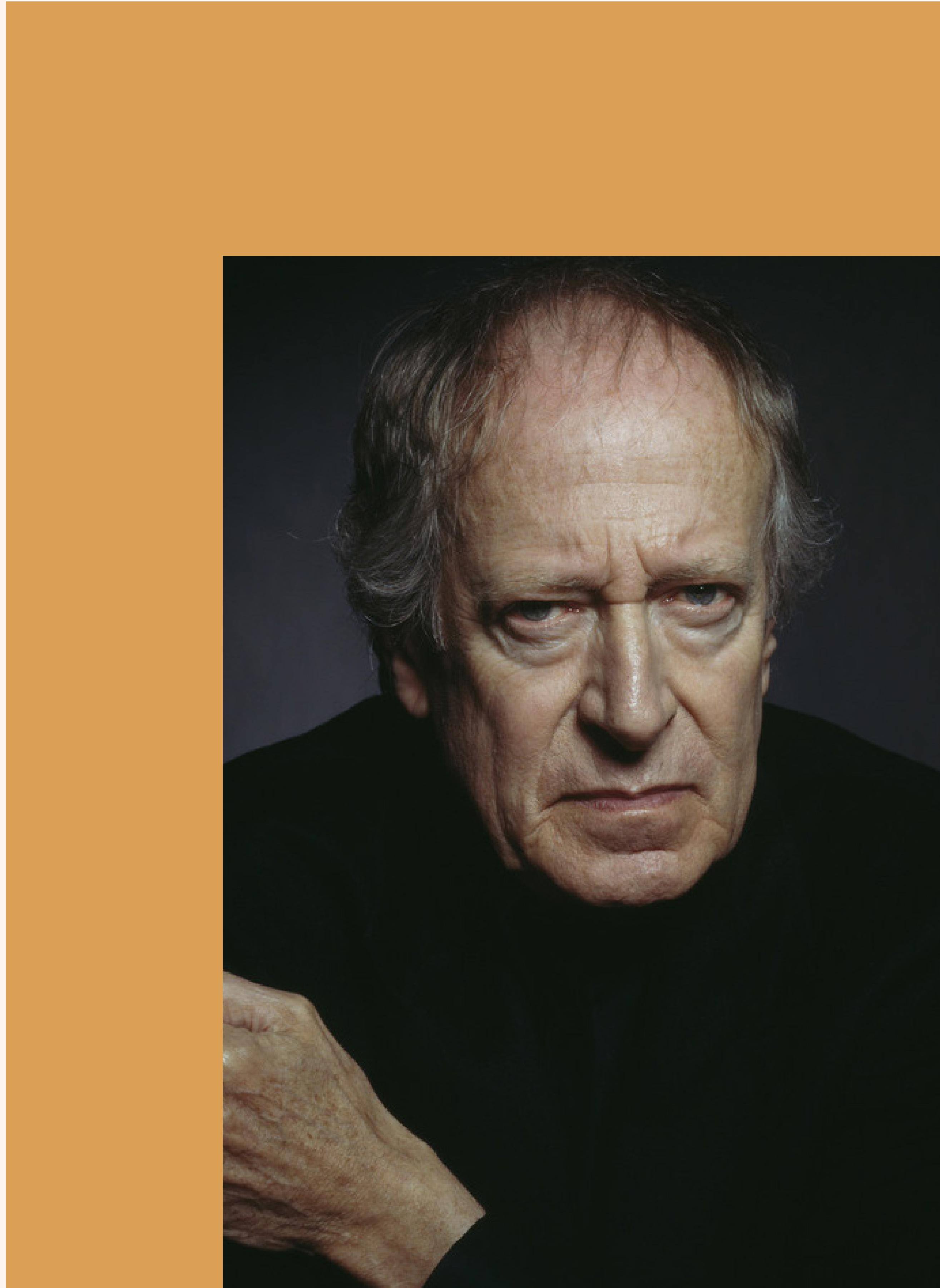
Nino Rota

(1911-1979)



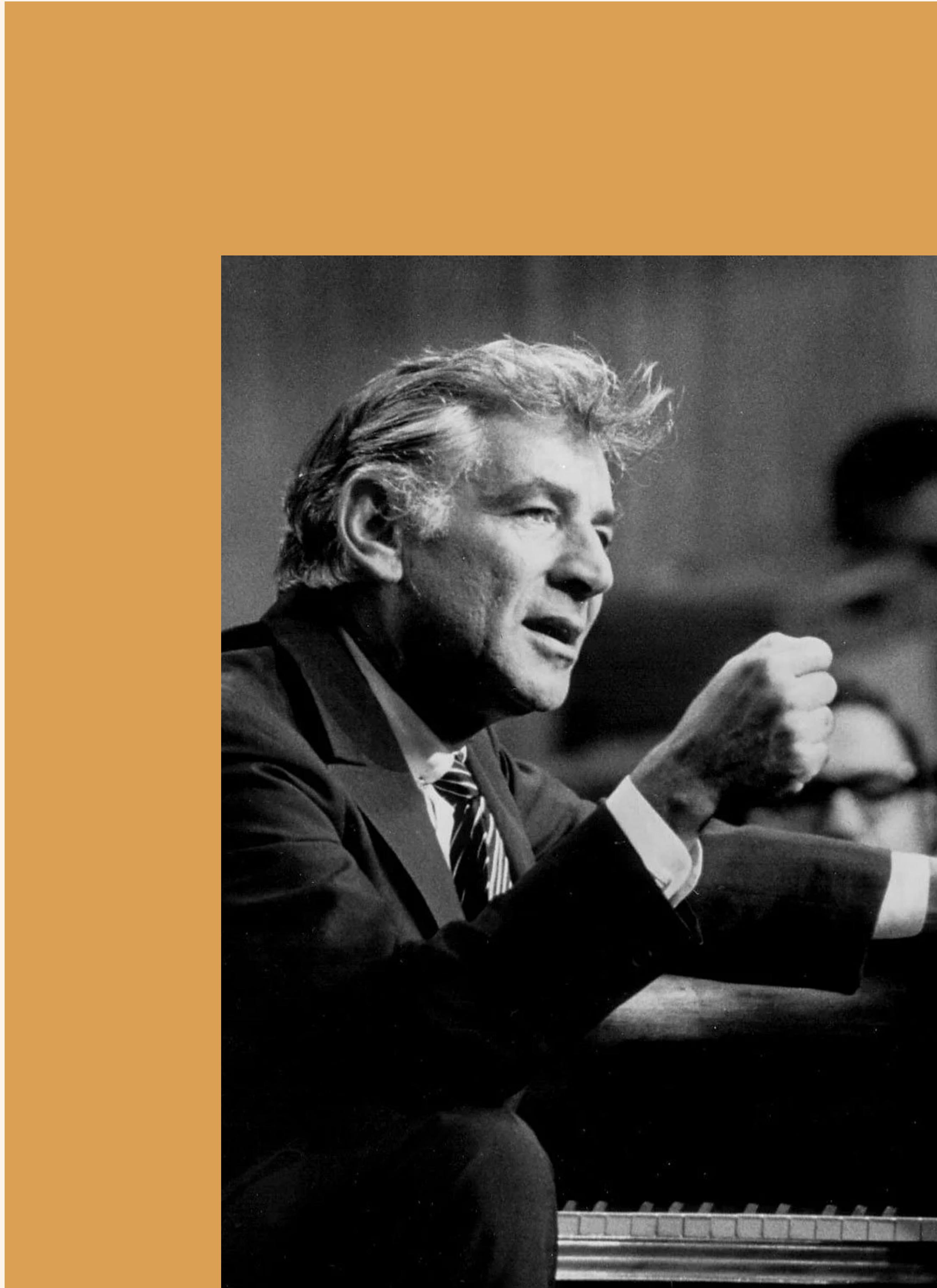
John Barry

(1933-2011)



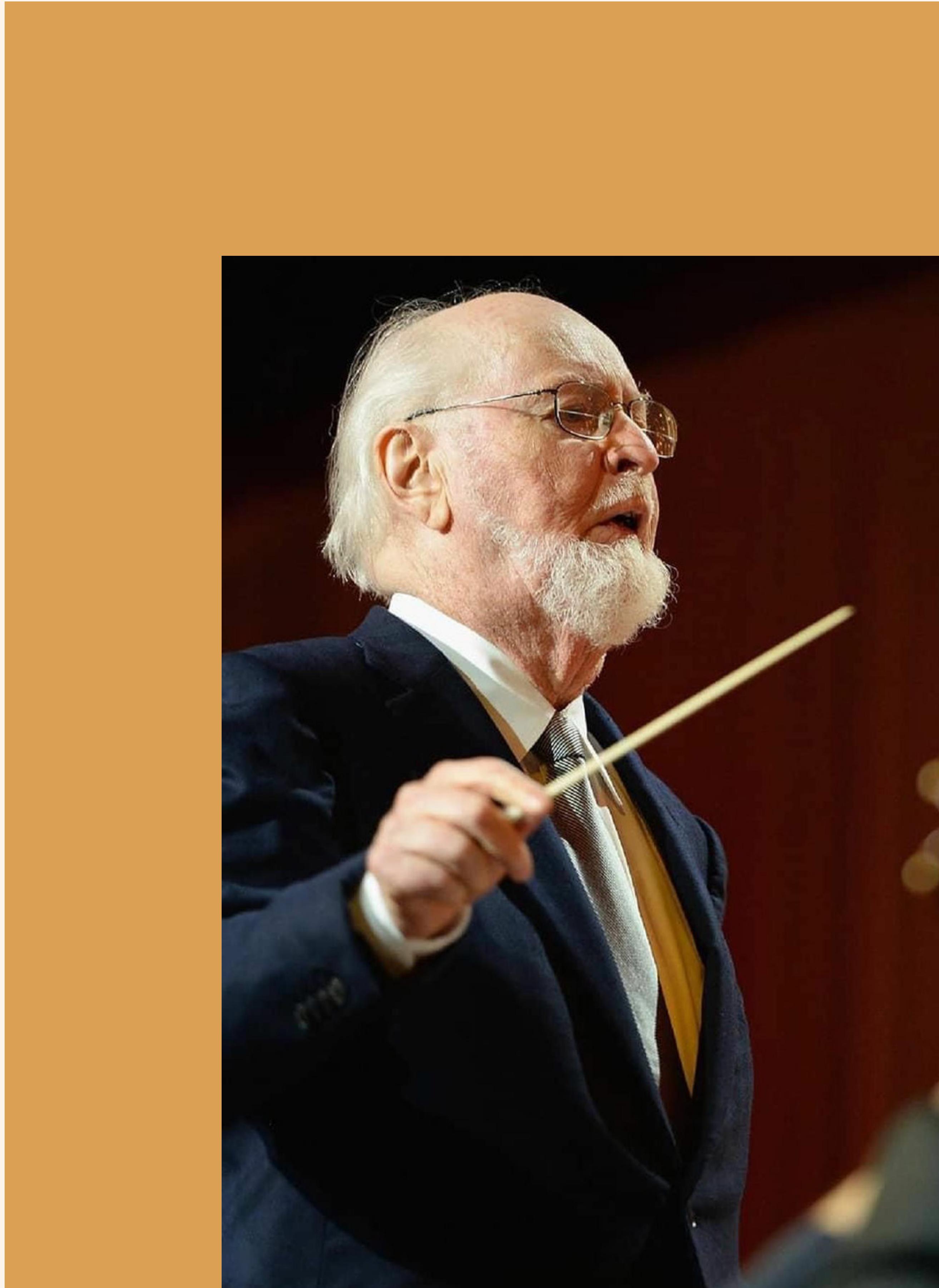
Leonard Bernstein

(1918-1990)



John Williams

(n. 1932)





José Eduardo Gomes

Direção musical

© VITORINO CORAGEM

Foi recentemente laureado com o 1.º Prémio no European Union Conducting Competition. É professor na Escola Superior de Música de Lisboa. Iniciou os seus estudos musicais de clarinete em Vila Nova de Famalicão, sua cidade natal. Mais tarde, prosseguiu os seus estudos na Haute École de Musique de Genève, em direção de orquestra, com Laurent Gay e, em direção coral, com Celso Antunes. José Eduardo é membro fundador do Quarteto Vintage. Tem sido laureado em diversos concursos, sendo de destacar o Prémio Jovens Músicos, categoria clarinete, música de câmara e direção de orquestra. Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, atuando nos mais destacados festivais de música em Portugal. Na temporada de 2022/23, apresentou-se em concertos em Portugal, Alemanha, França, Hungria e Bulgária. No domínio da ópera, já participou em *Don Giovanni* e *Così fan tutte*, *Lo speziale*, *La donna di genio volubile*, *Blimunda* e *Trilogia das barcas*. Recentemente, foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. É diretor artístico da JOF – Jovem Orquestra de Famalicão. Em 2018, foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela cidade de Vila Nova de Famalicão.



© BRUNO SIMÃO

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e a participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias* n.^{os} 1, 3, 5 e 6 de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Direção Artística

Pedro Amaral

Conselho de Administração do OPART, E.P.E.

Conceição Amaral *Presidente*

Rui Morais *Vogal*

Sofia Meneses *Vogal*

Bilheteira São Carlos na Boa Hora

Largo da Boa Hora, n.º 12

1200-289 Lisboa

+351 935 590 196

+351 213 253 045/6

reserva.bilhetes@saocarlos.pt

Bilheteira Teatro Camões

Passeio de Neptuno, 1990-193 Lisboa

+351 218 923 477

reserva.bilhetes@cnb.pt

www.saocarlos.pt



Parceiros da Viagem de setembro a dezembro

CCB

**LISBOA
CULTURA**

**SÃO
LUIZ**
TEATRO MUNICIPAL



Égide

FLAD
FUNDAÇÃO LUSO-AMERICANA
PARA O DESENVOLVIMENTO

CULTURSINTRA



Parques de Sintra

